

**George F. Kennan e a política de “contenção” da Guerra Fria**

Andrea M T. Pennacchi\*

**Resumo:** Por meio da análise do campo intelectual e político configurado na última metade da década de 1940, pretende-se investigar o modo como o discurso institucional elaborado por George F. Kennan – historiador, diplomata de carreira e especialista em assuntos soviéticos - foi apropriado por uma fração da classe dominante norte-americana para dar origem à política de contenção ao expansionismo soviético praticada pelos Estados Unidos durante a Guerra Fria. Pretende-se fazê-lo pesquisando os laços de interdependência existentes entre os campos político e intelectual em que Kennan estava inserido e investigando *se e como* essas relações contribuíram para consolidar o poder do atual complexo industrial-militar norte-americano.

**Palavras chave:** George F. Kennan – Contenção ao expansionismo soviético - Guerra Fria.

**Abstract:** We have in mind to research the intellectual and political fields built up in the late 1940's and investigate how the institutional speech of “containment” structured by George F. Kennan - an historian, diplomat and Truman's advisor on soviet affairs – was appropriated by a fraction of the north-American ruling class, giving birth to a military US foreign policy that prevailed during Cold War. We intend to do it researching the eventual existence of an interdependence between the intellectual and political fields that Kennan belonged to and analyzing if and how those relations contributed to consolidate the power of the current US industrial-military complex.

**Key Words:** George F. Kennan - US containment policy -. Cold War.

A Guerra Fria foi um peculiar confronto ideológico ocorrido entre União Soviética e Estado Unidos, que teve em George F. Kennan um de seus principais mentores intelectuais: funcionário de carreira do Departamento de Estado, entre 1944 e 1946 ele assumiu a função de vice-chefe da missão diplomática americana sediada em Moscou e no final desse período, enviou um relatório de observação ao Secretário de Estado, James Byrnes.

---

\* A autora é Mestre e Doutoranda em História e Sociedade pela UNESP – Assis/SP e docente das Faculdades Integradas Antonio Eufrásio de Toledo–Pres. Prudente/SP. Contato: [andrapennacchi@terra.com.br](mailto:andrapennacchi@terra.com.br)

Nesse “longo telegrama” (com cerca de 5.300 palavras), Kennan propunha a seus superiores uma nova estratégia para lidar diplomaticamente com a União Soviética. Apesar de considerá-la muito fraca para arriscar-se a uma nova guerra, ele a acreditava capaz de expandir-se para o Ocidente por meio de subversão sob a liderança dos partidos comunistas controlados por Moscou, principalmente nos países desmoralizados e devastados pelo conflito que acabara de se encerrar.

Conforme narra em suas Memórias<sup>1</sup>, ele pretendia relatar que esse comportamento soviético no cenário internacional apoiava-se basicamente nas necessidades autocráticas e pessoais de Stalin. Ou seja, que o ditador soviético se utilizava da ideologia comunista para criar um ambiente externo hostil ao capitalismo. Ao promover um discurso político privilegiando a eminência de agressões externas ao seu regime, Stalin buscava justificativas para a ferocidade da ditadura interna que exercia - e ao mesmo tempo, enquanto procurava manter a respeitabilidade moral e intelectual do marxismo externamente, podia dedicar-se ao expansionismo.

Para evitar um confronto direto que seria improdutivo - e muito improvável entre as duas potências vencedoras da 2ª. Guerra - Kennan sugeria aos seus superiores que os Estados Unidos usassem de pressão econômica sobre as nações industrializadas na Europa Ocidental e na Ásia, ajudando sua reconstrução no pós-guerra e ao mesmo tempo, fortalecendo as instituições democráticas que as sustentavam. Essa pressão deveria ser suficiente para “conter” a ameaça soviética com um estratégico equilíbrio de poderes e teria um caráter diplomático e sutil enquanto aguardavam a dissolução natural do regime stalinista que, ele acreditava, estava isolado, enfraquecido e destinado a desintegrar-se.

Assim que chegou a Washington, o ‘longo telegrama’ de Kennan chamou a atenção do então Secretário da Marinha, James Forrestal<sup>2</sup>, membro de facção governista que advogava uma política de endurecimento nas relações com a União Soviética. Atraído pela conotação militarista que julgou identificar no relatório, Forrestal procurou trazer Kennan de volta para Washington e reforçou sua indicação para a chefia do recém criado Gabinete de Planejamento Político<sup>3</sup>, o mais importante braço estratégico do Departamento de Estado.

<sup>1</sup> Kennan, *Memoirs: 1925-1950*, pp. 292-295

<sup>2</sup> Durante a 1ª. Guerra, James Forrestal tornou-se tenente-aviador naval e desenvolveu funções administrativas no Gabinete de Operações em Washington. Após a guerra, trabalhou com publicidade política para o partido Democrata e ajudou a eleger F.D. Roosevelt. Em 1940 foi nomeado Sub-Secretário da Marinha, assumindo o posto de titular em 1944, com a morte de John Knox. Tinha uma preocupação neurótica com o comunismo e com a perigosa atração ideológica que este poderia exercer sobre os países dizimados e desestabilizados pela guerra na Europa e na Ásia. Em 1947, James Forrestal foi nomeado o primeiro diretor do recém criado Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

<sup>3</sup> O Gabinete de Planejamento Político (*Political Planning Staff/PPS*) foi criado em 1947 com a finalidade de ser uma fonte independente de análise política e de aconselhamento para o Departamento de Estado. De acordo com

Em julho de 1947, logo após sua volta aos Estados Unidos, Kennan publicou na revista *Foreign Affairs*<sup>4</sup> um artigo que reforçava as idéias lançadas em seu telegrama e adicionava outras, talvez um pouco mais contundentes, em relação a Moscou. Nele, Kennan reafirmava seu conceito de que Stalin advogava uma revolução contra o “cerco das forças capitalistas” para reforçar seu próprio poder e reforçava a idéia de que os Estados Unidos “deveriam criar uma política paciente, firme e vigilante de contenção às tendências de um eventual expansionismo soviético”<sup>5</sup>, já que só vias diplomáticas seriam ineficientes para lidar com o obstinado expansionismo de Moscou.

Além disso, ele também dizia que aos Estados Unidos cabia assumir essa “contenção” de forma solitária e unilateral. Essa tarefa não poderia de forma alguma afetar a estabilidade econômica ou a política interna dos Estados Unidos, mas assegurava que, se fossem bem sucedidos em conter a pressão soviética contra as instituições livres do mundo ocidental nos pontos geográficos e políticos mais estratégicos, contrapondo-se às manobras do socialismo em cada um de seus movimentos, a pressão sobre o Partido Soviético seria tão forte que resultaria “ou no desmoronamento, ou na gradual dissolução de seu poder”<sup>6</sup>.

Uma das maiores polêmicas da Guerra Fria foi levantada a partir dessa publicação, pois quando a mídia identificou o seu autor como o recém nomeado chefe do Gabinete de Planejamento Político do Departamento de Estado de Truman, suas idéias foram tomadas como representativas daquela Administração. Entretanto, segundo o próprio Kennan narrou em suas memórias, o artigo não deixava claro um maior favorecimento a métodos militares em detrimento dos de caráter político e econômico como agentes de contenção:

(...) *Minhas idéias foram distorcidas por pessoas que as compreenderam e perseguiram como se seu caráter fosse exclusivamente militar; e penso que isso, mais que qualquer outra coisa, levou aos 40 anos de uma Guerra Fria assustadora, inútil, dolorosa e cara. (tradução da autora)*<sup>7</sup>

Alguns meses depois, em meados de 1948, na chefia do Gabinete de Planejamento Político, uma nova avaliação do *status* soviético no cenário internacional fez Kennan convencer-se de que a União Soviética não representava mais os mesmos riscos para a democracia, pois parecia evidente que Stalin mantinha-se no Partido à custa de um enorme esforço de repressão e que as dificuldades econômicas na reconstrução dos países comunistas

---

o New York Times, como uma organização *think-thank*, o PPS deveria preocupar-se com tendências gerais e ser capaz de encontrar relação entre vários elementos de um problema, prever dificuldades, formular planos mundiais a longo prazo e em geral, juntar tudo isso para, com objetividade, promover a defesa de interesses norte-americanos nas relações internacionais. (ATKINSON, Brooks. *America's Global Planner*. In **The New York Times**, Jul.13, 1947

<sup>4</sup> KENNAN, G. F. "X," *The Sources of Soviet conduct*. In **Foreign Affairs**, XXV (July, 1947),

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 575-576.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 566-4582

<sup>7</sup> *Idem*, *Memoirs: 1925-1950*, pp. 354-367

devastado pela guerra se contrapunham dolorosamente aos resultados positivos obtidos no Ocidente com o Plano Marshall.

Essa nova configuração internacional levou Kennan a sugerir aos seus superiores no Departamento de Estado que as negociações diplomáticas com Moscou fossem retomadas e que estratégias políticas e econômicas passassem a ter prioridade sobre as ações militares em andamento<sup>8</sup> – mas desta vez, suas recomendações tão vigorosamente saudadas anteriormente, não tiveram qualquer eco no seio da elite político-militar da Administração Truman.

Por quê? O que havia mudado? Por que o governo Truman e todos os que o sucederam se comprazeriam em manter uma estrutura militar “assustadora, inútil, dolorosa e cara” quando isso já não era mais necessário? Que tipo de interesses estiveram em jogo nos bastidores de Washington durante os cinco anos que sucederam à 2ª Guerra e como se refletiram no fortalecimento do poder militar norte-americano ao longo da segunda metade do século XX?

Por que as idéias de Kennan, um acadêmico que se posicionou de forma privilegiada no Departamento de Estado, foram apropriadas pela facção política no poder para reconfigurar o cenário internacional do pós-guerra e posteriormente, aparentemente foram distorcidas para atender a interesses não muito claros de uma elite mais agressiva?

Foi por esse motivo, para conhecer o *habitus* que cercou George F. Kennan e para estabelecer objetivamente as relações existentes entre a fração dos intelectuais à qual ele pertencia e as diferentes frações da classe dominante que se revezavam no poder e nas quais ele esteve inserido que esta pesquisa de doutorado procurará fazer uma testagem da teoria biográfica de Pierre Bourdieu, observando a funcionalidade dos conceitos de *campus*, *habitus* e poder simbólico na vida e na carreira desse polêmico historiador militar.

### Referências Bibliográficas

ATKINSON, Brooks. *America's Global Planner*. In **The New York Times**, Jul.13, 1947

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: ed. UNESP, 1997b.

BOURDIEU, Pierre. *Campo intelectual e habitus de classe*. In **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

<sup>8</sup> Como por exemplo as dotações orçamentárias para o recém criado Ministério da Defesa, a continuidade das pesquisas nucleares em *Los Alamos* ou as *joint ventures* firmadas entre governo e indústria bélica que deram início ao complexo industrial-militar norte americano.

- COLUMBIA UNIVERSITY. *Students Awards for Academic Year 1935-36*. in **The New York Times**, New York, Aug. 18, 1936
- GADDIS, J. Lewis. *George F. Kennan and the strategy of containment*, in **Strategies of Containment: a critical appraisal of American National Security Policy during the Cold War**. New York: Oxford University Press, 2005. Pg. 25-53.
- GADDIS, J. Lewis. **Strategies of Containment: a critical appraisal of American national security policy during the Cold War**. Revised and expanded edition. New York: Oxford University Press, 2005
- GRIFFITS, Martim. *George Kennan*, in **50 Grandes Estrategistas das Relações Internacionais**. São Paulo, Ed. Contexto, 2004. Pg. 40-45
- HOLBROOKE, Richard. The paradox of George F. Kennan, in *Washington Post*, 21 Mar.2005. Page A19. Disponível em <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A52533-2005Mar20.html> . Acesso em 12/05/2006.
- HULEN, Bertram D. *Marshall reshapes "team" at the State Department*. In **The New York Times**. New York, Jun. 29, 1947
- ISAACSON, Walter. **The wise men: six friends and the world they made**. New York: Touchstone, 1988
- JENSEN, Kenneth M. **The origins of the Cold War: the Novikov, Kennan and Roberts 'long telegrams' in 1946**. Revised Edition. USIP Press Books, 1993
- KENNAN, George F. **American Diplomacy** (Expanded Edition). Chicago: The University of Chicago Press, 1984.
- \_\_\_\_\_ & LUKACS, George. **George F. Kennan and the origins of Containment. 1944-1946: The Kennan/Lukacs correspondence**. Columbia: University of Missouri Press, 1997
- \_\_\_\_\_ (X). *The sources of Soviet Conduct*, in **Foreign Affairs**, July, 1947
- \_\_\_\_\_ *After the cold war: American Foreign Policy in the 1970s*. In **Foreign Affairs**, October, 1972
- \_\_\_\_\_ *America and the Russian Future* (1951). In **Foreign Affairs**, Spring 1990.
- \_\_\_\_\_ **Around the Cragged Hill: a personal and political philosophy**. New York: W.W. Norton Inc, 1999
- \_\_\_\_\_ *Containment: 40 years later. Containment then and now*. In **Foreign Affairs**, Spring 1987.
- \_\_\_\_\_ **Memoirs 1925-1950**, Little Brown and Company, 1992.
- \_\_\_\_\_ *Memorandum by the Director of the Policy Planning Staff to the Secretary of State and the Under Secretary of State. PPS23: Review of Current Trends in U.S. Foreign Policy*. Published in: **Foreign Relations of the United States**, 1948, Volume I, pp. 509-529.
- \_\_\_\_\_ **Sketches from a life**. New York: W W Norton &Company Inc, 2000
- \_\_\_\_\_ *The long telegram*. Answer to **Dept's 284**, Feb. 3, Moscow, Feb. 22. 1946
- \_\_\_\_\_ *Two hundred years of American policy: the United States and the Soviet Union: 1917-1976*, in **Foreign Affairs**, July, 1976.

- KENNEDY, Paul. *Estabilidade e mudança num mundo bipolar, 1943-1980*, in **Ascensão e queda das grandes potências**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- Kissinger, H *The success and the pain of containment*, in **Diplomacy**. New York: Simon and Schuster Paperbacks, 1994, pg. 446-572
- KISSINGER, Henry. *The beginning of the Cold War*, in **Diplomacy**. New York: Simon and Schuster Paperbacks, 1994, pg. 423-445
- KROCK, Arthur. *Marshall Plan Genesis*. In **The New York Times**. New York, Oct.1, 1947
- LAFEBER, Walter. **America, Russia and the Cold War**. New York: McGraw Hill Publishing Co., 2003
- LAWRENCE, W.H. *Tough man for a tough job*. In **The New York Times**, New York, March 17, 1946.
- LEFFLER, M **A Preponderance of Power: The Truman Administration, National Security, and the Cold War**. Stanford: Stanford University Press, 1992
- LEFFLER, Melvyn. **The Specter of Communism: The United States and the Origins of the Cold War, 1917—1953**. (1994).
- LEFFLER, Melvyn. *Remembering George Kennan: Lessons for Today?* Project Report Summary, for United States Institute of Peace. May 04, 2006. Disponível em: [http://www.usip.org/fellows/reports/2006/0504\\_leffler.html](http://www.usip.org/fellows/reports/2006/0504_leffler.html) Acesso 13/10/2006.
- MISCAMBLE, Wilson D. **George F. Kennan and the making of American Foreign Policy, 1947-1950**. New Jersey: Princeton University Press, Col. Princeton Studies in International History and Politics, 1992
- RESTON, James. *New policy staff will aid Marshall frame his plans*. In **The New York Times**, New York, Apr.25, 1947
- SCHLESSINGER, Arthur M., Jr. *Origins of the Cold War*. In **America Since 1945**, edited by David Durner and Robert D. Marcus. New York: St. Martin's Press, 1991.
- US DEPARTMENT OF STATE. *Kennan and Containment*. Disponível em: <http://www.state.gov/r/pa/ho/time/cwr/17601.htm> . Acesso em 13/07/2006.
- WERTHER, *The architect of the Cold War*, in Counterpunch, out of Bound Magazine . Published in 21 Mar.2005. Disponível em <http://www.counterpunch.org/werther03212005.html> Acesso em 12/10/2006.
- WILLIAMS, William A. *The nightmare of Depression and the vision of omnipotence: the open door policy and the onset of the Cold War*, in **The tragedy of American diplomacy**. New York: WW Norton, 1972. pg. 229-243